



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
PRÓ- REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

**MARIA CATARINA ANANIAS DE ARAÚJO**

**A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO DAS MASSAS: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE KARL MARX**

**Campina Grande-PB**

**2016**

MARIA CATARINA ANANIAS DE ARAÚJO

**A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO DAS MASSAS: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE KARL MARX**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação(PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Pereira

Campina Grande-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663e Araújo, Maria Catarina Ananias de  
A educação como instrumento de dominação das massas  
[manuscrito] : uma análise a partir do pensamento de Karl Marx /  
Maria Catarina Ananias de Araújo. - 2016.  
35 p.

Digitado.  
Monografia (Filosofia da Educação) - Universidade Estadual  
da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Valmir Pereira, Departamento de  
Filosofia".

1. Teoria Marxista 2. Educação 3. Dominação das Massas  
4. Capitalismo I. Título.

21. ed. CDD 335.4

MARIA CATARINA ANANIAS DE ARAUJO

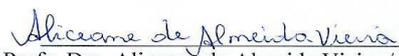
**A educação como instrumento de dominação das massas: uma  
análise a partir do pensamento de Karl Marx**

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Aprovado em 24/08/2016.



Prof. Dr. Valmir Pereira / UEPB  
Orientador



Prof.ª Dra. Aliceane de Almeida Vieira / UEPB  
Examinadora



Prof. Me. Janduí Evangelista de Oliveira / UEPB  
Examinador

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, pelo apoio, ao professor Valmir Pereira, por sua preciosa orientação, aos bons amigos por me desejarem sempre o bem; enfim, a todas que acreditam no meu potencial.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço de todo coração a minha família, ao professor Valmir Pereira, aos membros da banca avaliadora, aos meus bons amigos e a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Obrigada!

*“Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência”.*

Karl Marx

## RESUMO

O presente trabalho tem como propósito expor a concepção marxiana de educação e o seu uso como instrumento de dominação das massas na história do ocidente no contexto do capitalismo contemporâneo. Um dos mais importantes críticos da tradição ocidental e do modelo capitalista de produção, Karl Marx, desenvolveu uma diversificada obra sobre o capitalismo, nas quais explica os sistemas econômicos existentes e sua interferência direta na forma como o homem pensa e vive em sociedade. Para Marx, as relações humanas são determinadas pelo poder econômico, aquele que o detém chamados pelo nosso autor de classe dominante exerce total controle sobre aqueles que são desprovidos dos meios de produção e também sobre todas as áreas da vida universalizando seus valores, em outras palavras, a classe dominante controla a política, a cultura, a arte, e principalmente a educação através de sua ideologia. A consequência desse processo de influencia é a total alienação da classe dominada na sociedade capitalista que se perpetua principalmente por meio dos conteúdos educacionais acessíveis as massas. Dessa forma, problematizamos o uso instrumental da educação, como meio de dominação das massas e suas consequências para o trabalhador na era capitalista. No que se refere à metodologia, este projeto se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico, visando erguer um aporte teórico que permita o aprofundamento e corroborações, criando subsídios para a análise da temática em questão.

**Palavras-chaves:** Karl Marx.Capitalismo.Educação.Dominação.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como propósito, exponer la concepción marxiana de educación y su uso como instrumento de dominación de las masas en la historia del occidente de modo general y en el contexto del capitalismo contemporáneo. Uno de los más importantes críticos de la tradición occidental y del modelo capitalista de producción Karl Marx desarrolló una diversificada obra donde explica los sistemas económicos existentes y su interferencia directa en la forma como el hombre piensa y vive en sociedad. Para Marx, las relaciones humanas son determinadas por el poder económico, aquel que o detén llamados por el autor de clase dominante ejerce total control sobre aquel que son desprovistos de medios de producción y también sobre todas las áreas de la vida universalizando sus valores, en otras palabras la clase dominante controla la política, la cultura, la arte y principalmente la educación a través de su ideología. La consecuencia de este proceso de influencia es la total alienación de la clase dominada en la sociedad capitalista que se consolida principalmente por medio de los contenidos educativos accesibles para las masas. De esta manera, el presente estudio cuestiona la utilización de la educación como un medio de dominación de las masas y sus consecuencias para el trabajador de la era capitalista. En cuanto a la metodología, este proyecto es un estudio de naturaleza bibliográfica, a fin de plantear un marco teórico que permita una profundización y revalidación, creando subsidios para el análisis del tema en cuestión.

**Palabras-chaves:** Karl Marx. Capitalismo. Educación. Dominación.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A EDUCAÇÃO: UMA HISTÓRIA DE CONTROLE.....	14
3. ALIENAÇÃO E EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL? .....	22
4. A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO DAS MASSAS.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6. REFERENCIAS.....	38

## INTRODUÇÃO

Karl Marx em sua parceria intelectual com Friedrich Engels não tratou a educação de forma específica em sua obra, o que não significa que ele não manifestasse preocupação com esta importante ferramenta da superestrutura e que não podemos apreender de seu pensamento uma teoria sobre educação no contexto do capitalismo.

O pensamento marxista tem como pano de fundo a história da luta de classes, disputa entre opressores e oprimidos motivada e movida pela economia, esta luta se deu desde o surgimento da propriedade privada, com o decorrer do tempo, as sociedades foram se moldando, se transformando conforme as novas necessidades que surgiam, com isso, a sociedade também foi se transformando, em alguns momentos da história.

Diante disso, o que chama atenção de Marx que viveu e produziu seu pensamento dentro do contexto do surgimento do capitalismo moderno é a forma como a classe oprimida não consegue se enxergar na sua condição e até mesmo incorpora para si os ideais que somente beneficiam seus opressores.

Marx faz uma análise sobre a tradição do conhecimento ocidental desde sua constituição, na antiguidade clássica até o presente momento e identifica que em todos os períodos históricos a produção intelectual se deu de forma alienada, vale salientar que o pensamento marxiano não desmerece os grandes intelectuais do passado e suas produções, o que podemos extrair a partir da concepção marxiana é que esses autores tiveram uma visão parcial da realidade, produzindo valores para a classe dominante a cada época, acreditando que eles correspondiam aos anseios de toda a sociedade, universalizando os mesmos.

A universalização desses valores produzidos se deu por meio da cultura, da filosofia, da política e, principalmente, da educação considerada por Marx como a mais importante ferramenta da superestrutura, através de seus conteúdos a classe dominante repassou e repassa todo seu ideário, conduzindo a classe trabalhadora à iminente alienação.

Como percebemos a produção do conhecimento ocidental sempre esteve sob o controle de quem possui o poder econômico e estas forças é que serão decisivas na questão do saber a ser produzido e para quem ele deve estar direcionado. É dessa

maneira que podemos compreender a educação como instrumento de dominação das massas, sobretudo no contexto do capitalismo quando a mesma se tornou um fenômeno de massa (surgimento da escola formal).

Portanto, o sistema educacional ao longo da história privilegia a classe dominante dando a ela uma formação erudita e de boa qualidade para exercer funções de comando o que contribui decisivamente para a dominação e opressão dos trabalhadores.

Karl Marx é um autor cuja obra tem grande impacto na filosofia ocidental, crítico contundente dos valores estabelecidos pela classe dominante e repassados através dos conteúdos de ensino, a leitura de suas obras no tocante a educação pode dar uma grande contribuição para compreendermos a situação de precarização da escola em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, como objeto de estudo propomo-nos a realizar, embasados na visão prisma marxista, uma análise sobre a educação e seu uso como ferramenta para dominação das massas, ao longo da história ocidental, partindo da Antiga Grécia até o advento do capitalismo.

No que se refere à metodologia, se trata de uma pesquisa de cunho bibliográfico. Assim, tratar-se-á de levantar um acervo teórico capaz de pavimentar e alicerçar o projeto, contemplando, aqui, primordialmente, textos fundamentados nas ideias marxianas, como também, expandindo a compreensão bibliográfica, a teóricos do campo educacional.

Acreditamos na relevância do presente estudo, para indagarmos no âmbito da academia qual o verdadeiro papel da educação no contexto atual, e enquanto educadores, denunciarmos para a sociedade o caráter classista que a mesma possui, com a finalidade de fortalecer a consciência crítica dos indivíduos e defender uma escola livre e democrática.

O trabalho contará com três capítulos, distribuídos conforme sequência ideológica da pesquisa. Dessa forma, ao primeiro capítulo, reservamos uma introdução a história da educação, dos primórdios à modernidade caracterizando-a como instrumento de controle desde sua constituição na antiguidade clássica até sua transformação em fenômeno de massa, com o advento do capitalismo.

O segundo capítulo versará sobre a relação entre educação e alienação, como se dá essa interlocução. No decorrer desse capítulo, apresentaremos os aspectos que

nos permite acreditar na proximidade entre os dois conceitos. Privilegiaremos os estudos de Karl Marx, como também de outros teóricos.

O capítulo terceiro será dedicado às discussões sobre a educação, especialmente na esfera da modernidade. Abordaremos o estudo da educação como um instrumento de dominação das massas, demonstrando a preocupação de Marx e dos marxistas com o uso tendencioso dessa ferramenta da superestrutura e seus desdobramentos para a sociedade.

## 1. A EDUCAÇÃO: UMA HISTÓRIA DE CONTROLE

A educação sempre esteve, indiscutivelmente, ligada ao poder dominante, o que a tornou fundamental para reprodução ideológica daqueles que a controlam, com isso ocorreu no desenvolvimento da história um processo de divisão do saber, na Grécia antiga, por exemplo, o modelo de Paidéia desenvolvido por Platão chamado de cidade perfeita, nos dá uma noção deste fato.

A “cidade humorosa” (rica e desenvolvida) teorizada por Platão vê presentes três classes sociais: os governantes, os guardiões e os produtores, aos quais correspondem tipos humanos e morais bastante diferentes (áureos e racionais; argênteos e corajosos; férreos e ativos, produtivos, obedientes); são classes separadas que desenvolvem diferentes funções, das quais a cidade necessita para ser realmente “humorosa”. (CAMBI, 1999, p.90).

Se dentro desse contexto existe uma clara divisão social entre os homens, logicamente, estes irão receber uma formação intelectual distinta, onde uns devem saber mais e outros menos simplesmente, por pertencerem a classes diferentes. Marx e Engels não discordam que dentro de uma sociedade existam seres distintos aptos a cumprir diversas funções sociais, o problema segundo eles, reside no fato de que ao receber uma formação diferenciada uns dos outros, os homens têm sua consciência deturpada o que favorece a desigualdade e o conflito eles, permitindo o controle e a criação de uma falsa noção da realidade. Sendo assim,

A consciência está ligada as condições materiais de vida, ao intercâmbio econômico entre os homens, como já vimos. Mas a consciência que os homens têm dessas relações, afirmam nossos autores, não condiz com as relações materiais reais que de fato vivem. As idéias, as concepções sobre como funciona o mundo são representações que os homens fazem a respeito de suas vidas, do modo como as relações *aparecem* na sua vida cotidiana. Essas representações implicam, num primeiro momento, numa *falsa consciência*, numa *consciência invertida*, pois se prendem á aparência e não são capazes de captar a essência das relações as quais os homens estão submetidos. (RODRIGUES, 2000, p.41-42).

Ainda falando sobre a antiguidade clássica, é possível encontrar no pensamento aristotélico, a ideia de um estado não igualitário, que reforça a divisão entre os homens e a função de controle do Estado sobre a educação e os indivíduos.

Nesta vertente, é a *política* que ilumina a posição aristotélica. Sua concepção do Estado não é utópica, mas realista: visa não a forma perfeita, mas à forma melhor aqui e agora. O seu estado não é igualitário, distingue entre o povo e os nobres ou homens livres, os únicos dos quais a educação se ocupa, já que só vivem “com razão no conforto(scholé)”. (CAMBI, 1999, p.92).

Assim sendo, os sistemas educacionais foram formulados não para emancipar os indivíduos, mas para exercer o controle exacerbado sobre eles e privando os desfavorecidos como: trabalhadores, mulheres e crianças do acesso ao conhecimento que é visto como privilégio de poucos, isso é perceptível na Antiga Grécia, a educação do povo era para trabalhar, produzir e obedecer o que reforça o conceito marxiano de dominação e exploração e de uma filosofia parcial sobre o mundo e o homem.

Desta feita, ficava assegurada a organização escravagista que perdurou durante todo o período antigo que colocava os homens e mulheres trabalhadoras numa condição subumana de existência e retratava o homem livre como o único moralmente digno de ser bem educado e emancipado.

No período medieval, o panorama educacional permanece em sua essência com o mesmo caráter dominador com uma roupagem diferente do que se viveu anteriormente, o interesse em que o povo permanecesse aculturado tornou-se ainda mais forte em virtude da consolidação e afirmação do poder do modo feudal de produção baseado na servidão e da Igreja Católica que tomou para si a responsabilidade de educar.

Com o surgimento do feudalismo ocorre uma transformação nos meios de produção e na perspectiva marxista uma sociedade só muda de fato quando seu modo de produção material se modifica. Contudo, o que nos chama atenção é que a ideologia dominante não se modificou, os senhores feudais donos das terras agora as “alugam” para o servo, o trabalho manual, portanto continuava determinante para as relações sociais.

No âmbito da sociedade feudal, também o trabalho era - em geral e exceto para os monges e os eclesiásticos, que provinham de todas as classes sociais – determinado pela família e pela tradição familiar, além da condição social. A educação que se realizava no local de trabalho era uma educação da reprodução, das capacidades técnicas, das classes e das relações sociais, sem valorizar realmente da inovação. (CAMBI, 1999, p.166)

A diferença que podemos notar em relação ao tempo antigo é um espaço aberto para o lazer fora do trabalho o que não significa evidentemente uma abertura para novas concepções e sim uma forma para que a Igreja promovesse a dominação ideológica que lhe coube realizar durante o período medieval. Conforme o próprio Cambi afirma:

Ao lado do tempo de trabalho, também para o povo, havia um tempo de não-trabalho (os domingos e as festas religiosas) administrado diretamente pela Igreja através de ritos e de festas que incidiam profundamente sobre o imaginário mediante todo sistema de signos e de símbolos que enredavam a experiência do sujeito, valorizando figuras, estilos de vida, comportamentos, mas suscitando temores, expectativas, exaltações. (CAMBI, 1999, p.166)

Fica nítida, também a natureza religiosa que a educação medieval assume sob a tutela do Catolicismo Romano que não poupou esforços para manter, propagar e perpetuar sua doutrina, influenciando diretamente a cultura, a política e claro a produção do conhecimento, com o intuito de padronizar e conformar os indivíduos não exatamente de acordo com os preceitos cristãos, mas com seus interesses políticos, ideológicos e econômicos próprios da época.

Dessa maneira, o doutrinamento clerical exercia seu poder de controle exaltando valores como a caridade, castidade, temor a Deus, respeito à Igreja e aos Superiores como forma de alcançar a perfeição terrena e a consequente salvação, e aqueles que não se adequassem ao modo de vida imposto ou se rebelasse contra a exploração estariam contrariando uma suposta vontade divina o que acarretaria em terríveis consequências para o rebelde.

Pense-se, só para exemplificar, nas imagens do além-túmulo, presentes em mosaicos e afrescos, que produzem medo e horror em relação aos tormentos do inferno, que sancionam os pecados representados etc. bem como exaltam as delícias do Paraíso, criando um imaginário do fiel que observa as representações nas igrejas uma carga de desejo, uma necessidade de realizar para si aquela “vida beata” e, portanto, um crescimento religioso. (CAMBI, 1999.p.166-167).

Diante do que foi acima exposto, fica inegável o uso da religião, paralelamente, a educação como um meio eficiente de vigilância e adestramento, nessas circunstâncias o trabalhador medieval se encontrava pressionado pela estrutura econômica e atemorizado pelos possíveis castigos divinos caso não se comprometesse com o ideal igregista.

Em geral, as grandes massas eram analfabetas em virtude da ausência de um sistema formal e obrigatório de ensino, o pouco acesso que se tinha ao saber passava pelos domínios do clero, visando uma formação, mas voltada para o cumprimento dos deveres éticos e para a realização de tarefas puramente técnicas.

Para exercer o controle, a ideologia medieval pautava-se na hierarquização, mantendo a tradição familiar patriarcal no campo e com núcleo urbano, a educação se dava nesse cenário pelo próprio trabalho nas oficinas, sempre fiscalizadas pelos mecanismos de controle feudal patenteados pelo poder papal e imperial. De acordo com Cambi (1999, p.178) *“a sociedade medieval educa-come sempre ocorre nas sociedades tradicionais – através de severos controles”*. Como podemos apreender, conforme já foi mencionado anteriormente, embora a roupagem tivesse sido distinta o controle continuou implacável, como no mundo grego, e o controle passa, indubitavelmente, pela educação que o povo recebe.

Com a decadência do modo feudal de produção e o afloramento da modernidade o ocidente passa a experimentar mudanças radicais em todos os âmbitos da existência, num processo lento e sistemático de rupturas que culminou com o surgimento de uma nova ordem econômica, política, social, ideológica.

Esta nova ordem favorece a escalada do capitalismo moderno a ascensão de uma nova classe social mandatária a burguesia nascente, oriunda da urbanização e altamente revolucionária, patrocinadora da ciência, das artes, da política enfim da nova visão de mundo que surgia e claro que se uma nova concepção de sociedade estava entrando em vigência o modo como se educava precisava ser revisto.

Tudo isso implica e produz também uma revolução na educação e na pedagogia. A formação do homem segue novos itinerários sociais, orienta-se segundo novos valores, estabelece novos modelos. A reflexão sobre esses processos de formação vive a transformação no sentido laico e racional que interessa a ideologia e a cultura, isto é, a visão do mundo e a organização dos saberes. (CAMBI, 1999, p.198).

Com a mudança da ordem social agora distante daquela vivida na era cristã, conceitos como o de racionalidade, individualismo, liberdade e democracia são retomados fazendo emergir a modernidade, este novo horizonte tornou-se decisivo para a mudança de paradigma desejada pela burguesia e para a consolidação do estado moderno, que passa a subsidiar um sistema formal, gratuito e obrigatório de ensino com objetivo de formar um indivíduo adequado a nova concepção de vida e prepará-lo para o novo modo de produção, o capitalismo.

É nesse sentido que a pedagogia se aperfeiçoa na modernidade, para dar suporte e garantir o sucesso de uma nova ordem política, social e, sobretudo econômica, compreendendo isso podemos afirmar que em nenhum outro momento da história a educação foi importante, vista como atividade prática e não mais de forma puramente teórica.

Todavia é necessário esclarecer que em sua essência, a revolução da educação visa ainda que de forma diferente das anteriores preservar o controle, ou melhor, introduzir uma nova forma de controle discreta e mais eficiente, se contrapondo a um ideal bastante difundido nesse período: a promessa de liberdade individual. Este fato, chama atenção de Santos (2004) para o aspecto ambíguo da modernidade.

O projeto da modernidade era ambicioso e revolucionário, mas é também um projeto com contradições internas. Por um lado, a envergadura de suas propostas abre um vasto horizonte à inovação social e cultural; por outro, a complexidade de seus elementos constitutivos torna praticamente impossível evitar que o cumprimento das promessas seja nos casos excessivos e em outros insuficientes (SANTOS, 2005, p.50).

Essa ambiguidade se revela dentro do contexto da educação, e em todos os segmentos da vida, o homem moderno tem direito de escolher livremente o caminho que deseja seguir, estas escolhas são pautadas em sua capacidade racional e deve estar acordo com as leis e os princípios que regem a sociedade e o Estado, a

questão é que a ideia de liberdade não se realiza plenamente porque o próprio Estado limita a liberdade e impõe a sociedade padrões e princípios vinculados a uma classe específica (a burguesia) a todos promovendo uma visão parcial da realidade.

É no cerne dessa contradição de acordo com o pensamento marxista, que se desenvolve a modernidade, nesse aspecto, ela não difere dos outros períodos históricos que a partir do surgimento da propriedade privada sempre se pautaram pela luta de classes, o que a torna diferente é justamente as promessas de liberdade, de racionalidade, de defesa da igualdade e da democracia, de uma educação livre que só ela fez e que não vai conseguir realizar ou realiza de maneira incompleta em razão dos conflitos de classe que a permeiam.

Complexa e contraditória, o fato é que a modernidade se institui e revoluciona o ocidente de forma decisiva e essa revolução se realiza principalmente pela via educacional, o que reforça toda a importância dessa ferramenta ideológica para a formação humana dentro dos diversos contextos.

O primeiro aspecto da revolução da Modernidade está ligado à difusão do projeto educativo e também, talvez, sobretudo, à sua colocação no âmbito do Estado. A modernidade nasce como uma projeção pedagógica que se dispõe, ambigualmente, na dimensão da libertação e na dimensão do domínio, dando vida a um projeto complexo e dialético, também contraditório, animado por um duplo desafio: o de emancipação e o de conformação, que permaneceram no centro da história moderna e contemporânea como uma antinomia constitutiva, talvez não superável, ao mesmo tempo estrutural e caracterizaste da aventura educativa no mundo moderno. (CAMBI, 1999, p.203).

A educação sempre foi indubitavelmente, um mecanismo de dominação, porém quando o Estado Moderno se apodera dela e a transforma em algo que ela antes não era: um fenômeno de massa e a institucionaliza para atender, prioritariamente os interesses econômicos da burguesia, a coloca de fato numa situação que contraria os princípios que norteiam a nova visão de homem moderno livre.

Mesmo com essa contradição, própria dos tempos modernos a escola torna-se o elemento mais importante de formação para as massas, que a experimenta (vale ressaltar) enquanto artefato ideológico do Estado que é uma espécie de regulador da ordem burguesa.

Como o Estado é a forma na qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer seus interesses comuns e que sintetiza a sociedade civil inteira de uma época, segue-se que todas as instituições coletivas são mediadas pelo Estado, adquirem por meio dele uma forma política (MARX, 2007, p.76).

Com não poderia ser diferente, as políticas públicas educacionais implementadas pelo Estado Moderno são, na verdade, políticas de controle social que visam enquadrar cada indivíduo a sua função no mundo do trabalho, distinguindo e separado estes de acordo com sua classe social, os que pertencem a classe dominante recebem um ensino erudito em estabelecimentos específicos e bem estruturados, para os que pertencem a classe trabalhadora o é acesso rudimentar e precarizado aos meios de ensino.

Esse procedimento, garante na visão de Marx, o manejo sobre a classe trabalhadora que é submetida ao trabalho braçal para sobreviver e recebendo uma formação limitada para nem mesmo perceber o que acontecesse com sua realidade, isso se dá por intermédio da divisão social do trabalho que atribui funções mais ou menos importantes a um indivíduo de acordo com sua formação de classe, logicamente quem sai perdendo com essa estratégia é a classe dominada. Conforme Marx (2009, p.25):

Com efeito, desde o momento em que o trabalho começa a ser repartido, cada indivíduo tem uma esfera de atividade exclusiva que lhe é imposta e da, qual não pode sair; é caçador, pastor, pescador ou crítico e não pode deixar de o ser se não quiser perder seus meios de subsistência.

Como vemos, a exploração e o controle exercido na modernidade, passam mais do que nunca pelos interesses de classe e pelas ambiguidades provenientes dos conflitos gerados por essas contradições, o papel delegado a escola nas mãos da classe dominante é totalmente oposto aquilo que seria sua essência: formar seres humanizados, mas o que vivenciamos e a escola sendo usada para justificar as arbitrariedades praticadas por uma parcela da sociedade, desfavorecendo a maioria.

É preciso salientar, mais uma vez que, exploração, vigilância e abusos contra a classe oprimida não são uma criação moderna, sempre existiram e de forma até mesmo aberta, o que torna tudo isso ainda mais perverso no âmbito da modernidade é que ela emerge defendendo o fim desses costumes.

Dessa nova conjuntura, o que podemos concluir numa perspectiva marxista é que há no ideário moderno uma falsa defesa da democracia, da liberdade, do acesso ao conhecimento e a cultura, e de direito a dignidade. Em comparação às formas antigas de dominação, houve avanços isso é inegável, porém esses avanços só beneficiam quem tem o poder econômico, fazendo com que as pessoas acreditem na promessa de igualdade.

A educação nesse processo de falseamento da realidade, aparece como um valioso instrumento, pois é por intermédio dela que uma sociedade pode ter contato com a produção do conhecimento e naturalmente quem tem os mecanismos de monitoração tem o poder de decidir o que se deve ser ensinado e o que não se deve. É nesse sentido que afirmamos que a história da educação é, também, uma história do controle social em todo o percurso da humanidade.

## 2. ALIENAÇÃO E EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Tomando como referência a crítica marxiana a construção do conhecimento ocidental que segundo Marx se deu de forma parcial, ou seja, enxergando apenas uma parte da realidade é possível afirmar que o homem sempre foi um ser alienado e explorado desde o surgimento da propriedade privada, fato que ocasionou a luta de classes.

Para Marx, a história humana é a história da luta de classes, da disputa constante por interesses que se opõem, embora essa oposição nem sempre se manifeste socialmente sob a forma de conflito ou guerra declarada. As divergências e antagonismos das classes estão subjacentes a toda relação social, nos mais diversos níveis de sociedade, em todos os tempos, desde o surgimento da sociedade. (COSTA, 2009, p.115).

Em meio aos inevitáveis conflitos de classe, é necessário criar mecanismos que camuflassem e minimizasse estes antagonismos de modo que eles fossem naturalizados por todos os agentes sociais. Estes mecanismos: religião, Estado, exército, filosofia, ciência dentre outros foram surgindo pelas mãos das classes dominantes e se aperfeiçoando conforme o momento exigisse.

Por trás desta ideia de aperfeiçoamento, estava contido o conceito de alienação, que tornaria segundo a visão de Marx a espécie humana alheia a sua condição existente em todos os modos de produção, agravando-se com o surgimento do capitalismo.

Este faz do conceito uma peça-chave de sua teoria para a compreensão da exploração econômica exercida sobre o trabalhador no capitalismo. A indústria, a propriedade privada e o assalariamento alienavam ou separavam o operário dos “meios de produção” --- ferramentas, matéria-prima, terra e máquina--e do fruto de seu trabalho, que se tornaram propriedade privada do empresário capitalista. (COSTA, 2009, p.113).

A alienação sempre esteve presente em toda história, mas é no capitalismo que ela se torna mais perversa e abrangente isso pode ser explicitado não apenas na

esfera econômica, mais também, no campo político. Conforme denuncia o marxismo.

Politicamente, também o homem se tornou alienado, pois o princípio da representatividade, base do liberalismo, criou a ideia de Estado como um órgão político imparcial, capaz de representar toda a sociedade e dirigi-la pelo poder delegado pelos indivíduos. Marx mostrou, entretanto, que na sociedade de classes esse Estado representa apenas a classe dominante e age conforme o interesse dela. (COSTA, 2009, p.113)

Este é o ponto central da relação entre alienação e educação, embora ela já existisse desde a antiguidade clássica ela se intensifica gradualmente com o surgimento da modernidade e a consolidação do capital, lembrando que é ele quem exige a massificação do ensino e, portanto cria a escola moderna.

A criação da escola formal e a revolução pedagógica passa pela jurisdição do Estado Moderno que agora é o principal agente regulador da educação, mas não é o Estado quem decide por ele mesmo o que ensinar, e para que ensinar. Essa é uma decisão tomada pela classe dominante, ela determina arbitrariamente os conteúdos a serem lecionados e seus objetivos.

É nesse sentido que escolarizar a classe oprimida mesmo que tenha sido algo inédito na história, não é louvável, a real intenção da burguesia ascendente não é instruir o indivíduo para a vida e sim formar um servo fabril, enquanto que para seus representantes é permitido amplo acesso os conhecimentos com a finalidade manter seus privilégios. Fica evidenciado, assim, o caráter classista da educação.

Toda educação é de classe, pois a educação que a classe empresarial recebe é diferente daquela da classe trabalhadora. Enquanto os membros deveriam ser igualitários, independente da condição de vida. Dessa maneira não haveria contradições na sociedade, mas se tem divisão entre os grupos, são colocados em funções diferentes na sociedade, dessa forma podemos observar nossa função na sociedade descobrindo nossos valores. (MEKSENAS, 2001, p.86)

O ensino é classista, porém, essa característica é ocultada partindo de um pressuposto teórico (igualdade de condições) que não se efetiva. Fica nítida assim, qual a verdadeira função dessa educação de classe, produzir seres diferenciados

para ocupar lugares distintos na sociedade, os melhores preparados ocupam cargos de destaque com boa remuneração, os menos preparados devem se contentar com funções sem destaque com remuneração baixa e péssimas condições de trabalho.

Uma sociedade assim organizada produz seres distintos, que ocuparão e desempenharão atividades diversas na sociedade. Certamente aqueles que tiveram seu intelecto desenvolvido ocuparão lugares destacados, cujas ações repercutem sobre todos, pois se trata de chefia, de mando, de controle. Por outro lado, os filhos dos não proprietários que tiveram acesso apenas a alguns rudimentos da educação, mas desenvolveram a arte de uma determinada profissão manual, terão o seu lugar assegurado nesta sociedade. (PEREIRA, 2013, p.57).

Essa divisão social que mascara a realidade é o que Marx chama da divisão social do trabalho, que se dá especificadamente no âmbito capitalista a partir do momento em ha separação entre o trabalho racional, intelectual e o trabalho braçal, isso atingiu diretamente a produção do conhecimento, a filosofia, a ciência, enfim inverteram-se de forma ainda mais desmedida do que anteriormente, as ideias sociais.

Segundo Marx, a “*divisão social do trabalho*” fez com que o pensamento filosófico se tornasse atividade exclusiva de um determinado grupo. As diversas escolas filosóficas passaram a expressar a visão parcial que esse grupo tem da vida, da sociedade, do estado, refletindo, assim, seus interesses. (COSTA, 2009, p.114).

A conclusão acima, coincide exatamente com a crítica realizada por Marx a elaboração do conhecimento ocidental tendencioso, parcial e alienado, onde filosofias tais como: Liberalismo político, Individualismo, neoliberalismo dentre outros foram criadas para beneficiar certos grupos sociais e são disseminadas como visão correta e absoluta da realidade.

Algumas, como o liberalismo, transformaram-se em verdadeiras “filosofias de Estado”, com o intuito explícito de defendê-lo e justificá-lo. O mesmo aconteceu com o pensamento científico que, pretendendo-se universal, passou a expressar a parcialidade da classe social que ele representa. Esse comprometimento do filósofo

e do cientista em face do poder resultou também numa forma de alienação para o homem. (COSTA, 2009, p.114).

Alienação do conhecimento e do homem não é uma novidade segundo o prisma marxiano, ela sempre existiu, mais é na sociedade capitalista que ela se torna mais aguda e destrutiva justamente, porque as ideias da classe dominante agora são repassadas integralmente a classe trabalhadora por intermédio do sistema educacional.

A educação passa a ser então, não o único, mais o principal espaço de reprodução do pensamento burguês, da lógica da produção, da conformação dos indivíduos a um novo modelo social ao qual ele se torna incapaz de compreender, não por culpa própria como é comum pensar, mas porque o conteúdo rudimentar que ele tem acesso na escola não permite isso.

O trabalhador moderno deve preparar-se para o mercado de trabalho, assumir uma função no sistema produtivo para receber um salário e garantir sua sobrevivência. O necessário trabalho braçal, consome seu tempo e o afasta da atividade intelectual que fica a cargo de poucos privilegiados com tempo ocioso para exercê-la, com o pretexto de possuírem uma inteligência superior se apoderam dos saberes e os conduzem conforme a conveniência de classe.

O resultado desse processo de apropriação da intelectualidade é a dissimulação da realidade, ao fazer com que o trabalhador através da manipulação da filosofia e da ciência e da própria educação ignore as condições materiais de sua existência. A burguesia o torna passivo, diante a exploração de sua mão - de- obra e da espoliação de sua mente desqualificando-o enquanto agente social e histórico.

É assim que os operários são postos à parte e desprezados pela classe no poder no plano moral, como o são nos planos físico e intelectual. O único interesse que ainda se tem por eles manifesta-se pela lei, que lhes deita a mão assim que se aproximam demasiado da burguesia; tal como para com os animais despidos de razão, só se utiliza com eles um único meio de educação: o chicote, a força brutal que não convence, mas que só intimida (MARX, 1979, p. 71).

É dessa forma que os trabalhadores são vistos pelos dominadores, mas não por eles mesmos, devido ao modelo classista de educar que introjeta em todos os

indivíduos uma percepção de mundo tal como ele se apresenta e não como ele de fato é, isso resulta num aprisionamento da consciência individual e coletivamente, uma situação muito peculiar dentro da história da humanidade.

Estamos, aqui, diante de uma situação coletiva muito parecida com a que encontramos no caso de nossa vida psíquica individual. Assim como julgamos que nossa consciência sabe tudo, pode tudo, faz o que pensa e quer, mas, na realidade está determinada pelo inconsciente e ignora tal determinação, assim também, na existência social, os seres humanos julgam que sabem o que é a sociedade, dizendo que Deus ou a Natureza ou a Razão criaram, instituíram a política e a História, e que os homens são seus instrumentos; ou, então acreditam que fazem o que fazem e pensam o que pensam porque são indivíduos livres, autônomos e com poder para mudar o curso das coisas como e quando quiserem (CHAUÍ, 1997, p.172).

A passagem acima define bem o que representa para o homem o falseamento do real, fazer as pessoas acreditarem na liberdade, na autonomia de seus pensamentos e no controle de suas próprias vidas, instruindo-as com conhecimentos limitados e segmentários só pode conduzi-las a alienação e a barbárie gerada por ela.

A consequência imediata da alienação é a formação de seres humanos confusos, frustrados, inconscientes e em última instância violentos devido ao obscurantismo em que se encontra diante de uma ordem social que produz riqueza para uma minoria e pobreza e exclusão para a maioria. Conforme Marx (1996b, p.204): *“Uma sociedade, cuja condição sine qua non é reproduzir num pólo a miséria e no outro a riqueza, produz forçosamente também, dum lado, a civilização e, do outro, a bestialidade”*

É neste aspecto, que o processo educativo se torna tenso e contraditório, onde a escola, em muitos momentos, passa a ser vista como um lugar de conflito, entre educadores e educandos e a educação se perde em sua finalidade que é promover o conhecimento de forma democrática.

Como podemos perceber, a produção alienada tanto no plano material como intelectual traz consigo consequências extremamente danosas a sociedade, ainda que de forma silenciosa, ela legitima interesses de classe, discursos de classe, análises científicas parciais como universais criando uma falsa ideia de consenso que impede os homens de se enxergarem como explorador e explorado no capital.

Evidentemente que o processo de alienação passa por outros caminhos e não somente pela educação, mas devemos atentar para a questão de que os conteúdos filosóficos e científicos desenvolvidos e disseminados sempre são patenteados pela classe dominante de cada época, no nosso caso estamos falando da burguesia. Assim sendo, o acesso pleno aos conhecimentos ficam limitadas por interesses dessa mesma classe, as pessoas de modo genérico são instruídas até onde podem servir.

Ainda temos um agravante nessa situação, por conta da divisão social do trabalho, é imposto ao indivíduo proletário a adequação ao processo formador para conseguir uma posição na cadeia de produção ou no mercado de trabalho sendo obrigado a especializar-se em uma função específica para obter seu salário e conseqüentemente sua sobrevivência.

Com efeito, desde o momento em que o trabalho começa a ser repartido, cada indivíduo tem uma esfera de atividade exclusiva que lhe é imposta e da qual não pode sair; é caçador, pastor, pescador ou crítico e não pode deixar de o ser se não quiser perder seus meios de subsistência (MARX, 2009, p.25)

Essa fragmentação do ensino fortalece ainda mais a alienação e manipulação exercida através do sistema educacional, porque ao impor a um indivíduo o que ele deve aprender sob pena de não garantir o seu emprego retira-se do mesmo sua espontaneidade, sua criatividade e sua possibilidade de inovação características que são próprias da natureza humana. O trabalho assim constituído torna-se forçado e o indivíduo é obrigado a abrir mão de seus desejos para seguir uma ordem na qual se ele não se submeter o excluirá da sociedade.

Ao renunciar aos próprios desejos, o indivíduo ignora a vontade, que é uma característica fundante da sua individualidade. Trata-se de uma forma de dominar o indivíduo para que ele não se manifeste no sentido de produzir mudanças significativas no campo social, pois deve obedecer ao que a razão determina. A racionalidade é dos proprietários e não daqueles que trabalham apenas para seu sustento. (PEREIRA, 2013, p.55)

Dessa forma, compreendermos que o sistema de ensino universal lançado pela burguesia dividido entre escola privada e escola pública visa nas duas formas uniformizar os indivíduos para exercerem funções sociais diferentes entre si, mas de acordo com as pretensões dominantes.

O pensamento da burguesia deixa claro que todos podem participar da sociedade burguesa, mas os proprietários decidem os seus rumos. Mantendo **cada um em seu lugar**, a burguesia se fortalece como classe dominante e para que isso seja aceito pela maioria da população, criam-se canais de participação, justifica-se a desigualdade pela falta de mérito e a ilusão de uma educação universal e transformadora. (PEREIRA, 2013, p.59)

De acordo com a passagem acima, fica explícita a proximidade entre alienação e educação na sociedade burguesa e o caráter perverso dessa relação, que subjugam os indivíduos aos interesses de uma classe específica que retrata a ideia de uma sociedade livre e que dá oportunidade iguais a todos. Essa dissimulação da realidade se dá principalmente, através de um sistema de ensino forjado que adentra o indivíduo não-proprietário para servir, castrando-o sua intelectualidade, ainda que ele não se dê conta disso.

A burguesia repassa aos dominados conteúdos educacionais limitados e tendenciosos por intermédio de um sistema de ensino alienante e excludente e que coloca o trabalhador em uma grave situação de exploração.

### 3. A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO DAS MASSAS

A questão educacional sempre foi uma preocupação de Marx e Engels em suas obras, embora ambos não tenham escrito sobre a mesma de forma específica como apontam alguns os críticos da teoria marxista, no entanto ao podemos deixar de perceber nas obras destes autores uma nítida e inquietante associação entre os problemas sociais e os problemas relativos à instrução.

Marx e Engels não fizeram uma exposição sistemática sobre a escola e a educação. Ao contrário de terem produzido uma “teoria pedagógica”, as posições que foram desenvolvendo encontram-se diluídas ao longo de toda a vasta obra que produziram, estando à problemática educacional indissociavelmente articulada às diferentes questões sobre as quais se debruçaram. (LOMBARDI, 2008b, p.08)

Em sua análise do sistema educacional imposto pelo Estado capitalista, Marx ao lado de Engels observam que a instrução em nenhum momento histórico esteve dissociada da estrutura econômica vigente, se para alavancar uma nova classe econômica é necessário formar determinado tipo de pessoas, com determinada consciência para que esta esteja preparada para cumprir um determinado papel social a educação será sem dúvidas a principal ferramenta nessa transformação.

Realmente, toda nova classe que toma o lugar de outra que dominava anteriormente é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, quer dizer, expresso de forma ideal: é obrigada a dar às suas ideias a forma da universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas. (MARX; ENGELS, 2007, p.48-49)

A universalidade, tão necessária para a afirmação burguesa se deu no início da modernidade e continua se dando até hoje, através não apenas da educação, evidentemente, outras ferramentas da superestrutura igualmente importantes como a ciência ou a religião, por exemplo, também exercem essa função, contudo colocamos a educação no ponto central desse trabalho por acreditarmos que ela seja de fato o mais importante mecanismo de transmissão do conhecimento para as

massas principalmente, quando se tornam gratuita e obrigatória patenteada pelo Estado burguês. Com o advento da modernidade os indivíduos não são mais obrigados a seguir uma determinada doutrina religiosa a título de exemplo, mais são obrigados a frequentar a escola.

Em princípio comparecer a uma escola e ter acesso aos conteúdos produzidos socialmente parece bom para todos, não fosse o empecilho imposto pela burguesia que conforme foi citado acima a utiliza como instrumento de sua ideologia provocando uma visão totalmente invertida do que seja o educar.

Por educação entendemos três coisas: Primeiramente: Educação mental. Segundo: Educação física, tal como é dada em escolas de ginástica e pelo exercício militar. Terceiro: Instrução tecnológica, que transmite os princípios gerais de todos os processos de produção e, simultaneamente, inicia a criança e o jovem no uso prático e manejo dos instrumentos elementares de todos os ofícios. (MARX, 2008a, p.148)

No entendimento marxiano a educação tem como propósito formar as pessoas desde sua infância, de forma ampla atendendo suas necessidades mental, física e tecnológica para que ele tenha a aptidão necessária para conhecer, sobretudo o meio de produção que condiciona a sua vida. Entretanto, esse modelo de educação representa a mais alta ameaça ao domínio burguês, que o evita a todo custo, para conservar suas vantagens e reproduzir seus próprios padrões. Nesse caso, o ensino torna-se ideologia de classe, de uma forma bastante sutil.

A função da ideologia é justamente colocar em prática com sutileza a verdadeira intenção burguesa que é assegurar seu poder sobre a classe trabalhadora ao inverter o senso de realidade de todos os agentes sociais. Sejam eles pobres ou ricos o fato é que ambos acabam por assimilar a realidade de forma inversa. O resultado disso pode ser descrito abaixo por CHAUI (1997, p.417):

Passam a acreditar na independência entre a consciência e o mundo material, entre o pensamento e as coisas produzidas socialmente. Conferem autonomia à consciência e as idéias e, finalmente, julgam que as idéias não só explicam a realidade, mas produzem o real. Surge a ideologia como crença na autonomia das idéias e na capacidade das idéias criarem a realidade.

A burguesia então se utiliza do estratagema ideológico, por intermédio dele promove uma visão distorcida dos fatos sociais naturalizando uma realidade forjada como se a mesma fosse espontânea e constante.

A naturalização é a maneira pela qual as ideias produzem alienação social, isto é, a sociedade surge como uma força natural estranha e poderosa, que faz com que tudo seja necessariamente como é. Senhores por natureza, escravos por natureza, cidadãos por natureza, proprietários por natureza, assalariados por natureza etc. (CHAUÍ, 1997, p.417).

Foi exatamente nesse contexto que segundo Marx surge a tradição do conhecimento ocidental, naturalizando crenças e comportamentos através do saber produzido, preparando o terreno para uma história de dominação que somente se aperfeiçoa até os dias atuais. A educação de massa disponibilizada pelo Estado Moderno e criticada pela tradição marxista é o reflexo dessa história.

A lógica é educar os filhos da classe dominante e seus aliados de forma para exercerem cargos de destaque na sociedade como os de chefia, para isso, têm seu desenvolvido através de um ensino erudito nos moldes mais iluminista possível, onde desenvolveram capacidades diversas nos mais variados campos culturais como a filosofia, direito, as artes, as ciências naturais e assim por diante. Para eles são criadas instituições de ensino específicas, bem estruturadas onde receberam uma formação mais completa.

Para os filhos dos não proprietários a realidade é bem distinta, são ensinados para exercerem atividades primárias, repetidas que exigem força física e na maioria das vezes em lugares inóspitos, estes recebem uma instrução trivial, sem aprofundamento teórico, sendo apenas alfabetizados em instituições na maioria das vezes precarizadas, que não oferecem praticamente nenhum atrativo. Em suma: são instruídos para uma condição de subserviência, para vender sua força de trabalho por um salário que garante apenas sua sobrevivência enquanto sustentam a engrenagem capitalista sem que percebam essa realidade.

Com o conhecimento reduzido ao cotidiano, ao prático, ao necessário e ao útil, este indivíduo terá uma percepção social circunscrita ao universo das suas atividades produtivas e, portanto, distante das contradições, que são próprias dessa forma de conhecer a sociedade civil. (PEREIRA,2013, p.57).

Esse modelo de educação como vimos garante a naturalização de todo ideário dominante no mundo capitalista onde os considerados mais inteligentes e dedicados são merecedores de uma boa condição de vida por possuírem talento e não por questões da estrutura social onde vivem. Ao passo que aqueles que não se “esforçaram” para ter o mesmo são tidos como fracassados e incompetentes devendo culpar apenas a si mesmo por seu insucesso nada podendo cobrar dos governos e da sociedade como um todo. Pereira (2013:57-58) afirma: *“Assim, cada um agindo segundo seu talento, o modelo burguês de indivíduo irá se reproduzir ao longo dos séculos. Para aqueles que não conseguiram nenhuma ocupação nesta sociedade, restará o fato de serem considerados culpados pelo próprio fracasso.”*

É defendendo esse discurso que a burguesia se isenta de sua responsabilidade no processo de exploração do trabalhador, transferindo a culpa do fracasso de seu sistema político, para o indivíduo.

Para, além disso, o poder dominante ainda faz a classe trabalhadora acreditar na igualdade de condições ao competir com ela uma vez que, todos têm supostamente, os mesmos direitos: a liberdade, a propriedade, o acesso à educação a título de exemplo, e que cada um recebe seu ordenado de acordo com o mérito próprio, anulando, assim, qualquer desconfiança ou possibilidade de ação sobre a exploração por ela sofrida.

Exploração econômica e opressão política do homem pelo homem sempre houve em todas as sociedades; só que no capitalismo há uma diferença. Em todas as outras formas de dominação histórica anteriores, o dominado sabia que era dominado e sabia quem era o dominador. O escravo sabia que seu senhor o mantinha em cativeiro e o obrigava a trabalhar para si à força, o servo sabia que o dono do feudo lhe arrancava a maior parte do que ele plantava e colhia. No capitalismo, ao contrário, o trabalhador acha que é justo que ele seja separado do fruto de seu trabalho mediante o pagamento do salário. (RODRIGUES, 2000, p.47)

Assim, organizado o modelo burguês de dominação das massas através da educação obtém total êxito por fazer o indivíduo desde criança assimilar crenças ideológicas, políticas e sociais que internalizam e reforçam o tempo inteiro o pensamento individualista. As pessoas crescem, se formam vão para o mercado de

trabalho reproduzindo os princípios de competição e de sobreposição ao outro que estão intrínsecos no pensamento moderno.

A consequência disso é a dominação, alienação e a desumanização do ser que não é visto como tal e sim como uma mercadoria como outra qualquer. Aliás tudo no universo do capital vira mercadoria e assim aqueles que podem pagar por uma educação erudita terá todas as vantagens possíveis em relação a aqueles que têm acesso precário ao ensino, lembrando que a educação gratuita oferecida pelo Estado é limitada justamente pra manter o homem na dominação.

O sistema de ensino é aberto a todos, a frequência é obrigatória e a pluralidade de ideias são garantias pelos documentos oficiais, mais uma observação minuciosa nos revela a diferença gigantesca entre a teoria e a prática. As escolas são em geral, mal cuidadas, os professores mal formados e remunerados, os conteúdos de ensino são limitados, esses elementos contribuem decisivamente para o descrédito do ensino público e para o afastamento daqueles que dele necessitam.

Os filhos dos trabalhadores são, portanto obrigados pelas circunstâncias a frequentar uma escola que em nada lhes atrai a não ser o fato de precisarem passar por ela para se profissionalizar e se inserir no mundo do trabalho.

Mesmo não concordando com essa escola, são compelidos a frequentá-la, pois dependem dela para receber um certificado que os habilite a entrar no mercado de trabalho. As alternativas para os não proprietários na sociedade burguesa são restritas. Assim, pode-se entender a universalização do ensino como uma forma de garantir a difusão e a incorporação do ideário burguês por toda sociedade. (PEREIRA, 2013, p.108)

Fica evidenciado que a escola da neutralidade e da igualdade para todos difundida no início da modernidade se trata de uma falácia burguesa, a educação moderna continua comprometida e imposta pelas forças econômicas vigentes tanto quanto em outras épocas. Também fica claro que um modelo de educação que privilegia poucos produzirá ainda mais alienação, desigualdade social, preconceitos e dominação.

A aparente defesa da democracia, da liberdade, da pluralidade entre outras coisas impregnadas no discurso moderno faz com que o proletariado não perceba o jogo de dominação no qual ele é peça chave. Para Kehl (2004) o indivíduo moderno é,

supostamente, um ser para o sucesso, para a felicidade constante e para jamais perder, ele se faz sozinho e sua “vitória” é fruto unicamente de seu esforço pessoal e de sua capacidade intelectual acima dos demais. Todos os grupos sociais acreditam nessa concepção parcial da realidade como um ideal verdadeiro por que são ideologicamente programados para acreditar nisso, conforme Chauí (1997, p.417):

Como o grupo pensante domina a consciência social, tem o poder de transmitir as ideias dominantes para toda a sociedade, através da religião, das artes, da escola da ciência, da filosofia, dos costumes, das leis e do direito, moldando a consciência de todas as classes sociais e uniformizando o pensamento de todas as classes.

Como o pensamento burguês é do individualismo exacerbado pautado na competição incessante para ser o melhor, o mais competente na sociedade, os indivíduos da classe operária introjetam esses valores e passam a desejar ser esse “modelo perfeito” de pessoa que geralmente não podem alcançar. Ao não atingirem esse objetivo, são classificados pelo discurso dominante como fracassados, incompetentes e desqualificados por teoricamente não terem recebido uma boa formação escolar ou não terem se interessado o suficiente nos estudos.

Com esse subterfúgio, a burguesia se isenta de culpa em relação as injustiças sociais agravadas no capitalismo e mantém seu domínio sobre todas as classes e a educação usada de forma dissimulada para esses fins de dominação é vista como a única forma de acessão social para os desfavorecidos que se submeterão ao modelo de ensino regulado pelo Estado burguês que cobra do povo na forma de impostos para funcionar ao mesmo tempo em que o utiliza para dominar.

O efeito desse estratagema é conhecido por todos os membros da sociedade, uma escola que não cumpre seu papel de formar cidadãos conscientes de si e do mundo ao contrário, ratifica o adestramento e a subserviência de uma classe sobre outra.

O sistema educacional, com efeito, em nossa sociedade está montada para formar alguns para mandar e outros para obedecer, e com isso, se submeter aos processos de exploração impostos pela classe dominante. Em suma, o objetivo último desse modelo educacional é de fato a manutenção desta atual e injusta estrutura de sociedade segundo os interesses da classe dominadora e exploradora. (FLEURI, 1999, p.42)

O autor acima, destaca bem a finalidade do sistema educacional em vigência que é denunciado por Marx e Engels, é nesse sentido que desenvolvemos essa discursarão para que possamos entender que os problemas enfrentados pela escola não são dela própria como muitos postulam, eles são estruturais de uma sociedade que promove dominação, exclusão e alienação de todos, em prol de interesses específicos.

Diante do que foi explanado, fica evidente, ao realizarmos uma investigação sob a ótica do marxismo que a educação é utilizada como meio de dominação as massas, contrariando o discurso oficial do Estado difundido desde o início da modernidade e que perdura até os nossos. Discurso que insiste na ideia de uma escola isenta e livre e que oferece iguais condições para todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora Marx não tenha a educação como tema central de sua obra, podemos extrair de seu pensamento uma importante análise do sistema educacional no capitalismo, os dilemas, as contradições, os problemas que a classe trabalhadora enfrenta para ter acesso ao ensino.

Em sua gênese a educação sempre esteve nas mãos da classe dominante ao longo da história isto é fato, de acordo com o pensamento marxiano, mas não era um fenômeno de massa até o surgimento do capitalismo.

O capital surge provocando no ocidente a verdadeira revolução, ao transformar os meios de produção existentes e como consequência dessa transformação brota à necessidade de formar um novo trabalhador e adequá-lo a este novo modelo, até este ponto é compreensível que a educação se torne massificada tendo em vista a necessidade vigente.

O que não se pode aceitar passivamente, tomando por base os escritos marxianos, é que o ensino seja um mero instrumento de adestramento social para atender aos interesses específicos de classe que só busca se beneficiar da exploração do trabalho.

Logo, o sistema de ensino que é usado para legitimar uma ideologia que explora e aliena os indivíduos repassando a estes valores e convicções parciais da realidade não pode contribuir para uma formação humanizada do ser, apenas forma uma massa para o trabalho assalariado e precarizado.

Esse talvez seja o ponto mais dramático da situação dos trabalhadores submetidos à educação para o trabalho, ao receberem uma instrução limitada e tendenciosa estes deixam de se reconhecerem como um seres sociais e não mais se enxergam como agentes capazes de promover a mudança social que tanto precisam. É nesse sentido que podemos afirmar que a sociedade atual só é capaz de gerar a barbárie e que a escola fica numa situação delicada para lidar com essa problemática tendo apenas condições mínimas para realizar sua função de promotora do conhecimento.

O papel da concepção marxiana da educação é denunciar a índole classista do modelo de ensino que vivenciamos e as limitações que ele impõe a construção de uma sociedade mais igualitária do ponto de vista econômico e social, nesse aspecto

acreditamos na relevância do pensamento marxista para analisarmos os problemas que a escola enfrenta em sua essência desde que foi constituída até a atualidade.

## REFERENCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP. 1999.
- COSTA, Cristina. **Sociologia-Introdução à ciência da Sociedade**. São Paulo: Moderna. 2009.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática. 1997.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar para quê?** São Paulo: Cortez, 1997.
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 2004.
- LOMBARDI, José Claudinei. Apresentação. In. \_\_\_\_; SAVIANI, Dermeval (Org.). **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. 2ª edição. Campinas: Autores Associados: Histedbr, 2008 a.
- MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A ideologia alemã**. Lisboa: Presença. 1975.
- \_\_\_\_\_. **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos**. Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Crítica da educação e do ensino**. Introdução e notas de Roger Dangeville. Lisboa, Portugal: Moraes Editores, 1978. 255p.
- \_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Vol. I, Livro Primeiro, São Paulo: Nova Cultural, 1996a.
- \_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Vol. II, Livro Primeiro, São Paulo: Nova Cultural, 1996b.
- \_\_\_\_\_. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas: Navegando, 2011.
- MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Loyola, 2001.
- PEREIRA, Valmir. **O indivíduo burguês e a crise da escola**. Jundiaí. Paco Editorial: 2013.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra ao desperdício da experiência**. V.1, São Paulo: Cortez, 2005.